

RUA AMADEU AMARAL

Decreto nº 4976 de 28-10-1976, Artigo 1º, Inciso XVI

Formada pela rua 30 do Jardim Santa Genebra - la. parte

Início na rua Marquês de Valença

Término na rua Marquês de Abrantes

Jardim Santa Genebra

Obs.: No decreto assinado pelo Prefeito Municipal de Campinas Lauro Péricles Gonçalves, consta: "Amadeu Amaral (1875 - 1929) - Ensaista e poeta".

AMADEU AMARAL

Amadeu Amaral Ataliba Arruda Leite Penteado nasceu em Monte Mor, neste Estado, quando esse município ainda pertencia à Capivari, em 06-novembro-1875 e faleceu em São Paulo, em 24-outubro-1929. Depois de seus primeiros estudos em sua terra natal, transferiu-se para São Paulo, ainda adolescente, para estudar e trabalhar. Depois de ter sido empregado de uma firma comercial, ingressou no jornalismo. Foi diretor de "O Comércio de São Paulo", passando depois para o "Correio Paulistano", de onde se transferiu mais tarde para "O Estado de S. Paulo", onde colaborou por vinte anos. Trabalhou como professor particular e foi funcionário público. Presidiu a Academia Paulista de Letras e foi, mais tarde, eleito para a Academia Brasileira de Letras, na vaga de Olavo Bilac. Foi antes de tudo um jornalista, mas era também um poeta inspirado. Aos 25 anos publicava, em sua estréia nas letras, o pequeno volume "Urzes" com 19 sonetos e 16 poemas. Em 1910, publicou "Névoa" e em 1917, "Espumas" que mereceu grandes elogios de Olavo Bilac. Após seu ingresso na Casa de Machado de Assis, Amadeu Amaral transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde por algum tempo secretariou a "Gazeta de Notícias" e foi correspondente de "O Estado de S. Paulo". Afastou-se da imprensa para ser alto funcionário do Imposto de Renda, que deixou para voltar à imprensa de São Paulo. Além de poesia publicou prosa límpida e pura, pois era conhecedor profundo do vernáculo. Dedicou-se também aos estudos folclóricos. Publicou, em 1920, "Letras Floridas" (conferências e pesquisas literárias. A seguir publicou a novela "A Pulseira de Ferro" e o interessante estudo sobre o linguajar regional paulista "O Dialeto Caiçara" e ainda, a conferência "Um Soneto de Bilac". Em 1924, publicou o livro de poesias "Lâmpada Antiga" e "O Elogio da Mediocridade". No ano em que faleceu publicou "As Promessas do Escotismo". Usou pseudônimos, como: Felício Trancoso, Max Til, Arnaldo Perestrelo e Bento de Moraes.

RUA AMADEU AMARAL

Decreto nº 4976 de 28-10-1976



XIII — RUA MARECHAL DUTRA — Presidente da República de 1946 a 1951 — a Rua 27 que tem início à Rua 28 e término à Rua 29 do mesmo loteamento.

XIV — RUA RAMALHO ORTIGÃO (1836 — 1915) — Escritor Português — a Rua 23 que tem início à Rua 1 e término à Rua 49 do mesmo loteamento.

XV — RUA MARQUÊS DE ABRANTES (1796 — 1865) — Ministro do Império — a Rua 29 que tem início à Rua 26 e término à Rua 29 do mesmo loteamento.

XVI — RUA AMADEU AMARAL (1875 — 1929) — Ensaísta e Poeta — a Rua 30 que tem início à Rua 26 e término à Rua 29 do mesmo loteamento.

XVII — RUA FREI SÃO CARLOS — a Rua 34 que tem início à Rua 33 e término à Rua 35 do mesmo loteamento.

XVIII — RUA MENDES DE AGUIAR — Filósofo e Magistrado — a Rua 35 que tem início à Avenida 2 e término à Rua Nelson de Souza. Bárbara.

XIX — RUA MATIAS AIRES (1705 — 1770) — Escritor e Filósofo — a Rua 42 que tem início à Rua 55 e término à Rua 29 do mesmo loteamento.

XX — RUA MANUEL BANDEIRA (1886 — 1925) — Poeta e Escritor — a Rua 43 que tem início à Rua 52 e término à Rua 51 do mesmo loteamento.

XXI — RUA TOBIAS BARRETO (1839 — 1925) — Escritor e Poeta — a Rua 44 que tem início à Rua 52 e término à Rua 51 do mesmo loteamento.

XXII — RUA DOMINGOS BORGES DE BARROS (1779 — 1855) — Poeta — a Rua 46 que tem início à Rua 54 e término à Rua 29 do mesmo loteamento.

XXIII — RUA JOAO FRANCISCO LISBOA (1812 — 1863) — Escritor — a Rua 49, que tem início à Rua 54 e término à Rua 29 do mesmo loteamento.

XXIV — RUA VISCONDE DE INHOMERIM — (1812 — 1876) — Jornalista e Escritor — a Rua 50 que tem início à Rua 46 e término à Rua 49 do mesmo loteamento.

XXV — RUA MARTINS PENA (1815 — 1848) — Escritor — a Rua 51 que tem início à Rua 42 e término à Rua Alfredo Borges Teixeira.

XXVI — RUA ADOLFO CAMINHA (1867 — 1897) — Escritor — a Rua 52 que tem início à Rua 55 e término à Rua 46 do mesmo loteamento.

XXVII — RUA JOAQUIM MANUEL DE MACEDO (1820 — 1882) — Romancista Popular — as Ruas 53 e 54 que tem início à Rua 49 e término à Rua 55 do mesmo loteamento.

XXVIII — RUA MANUEL ANTONIO DE ALMEIDA (1830 — 1861) — Escritor e Historiador — a Rua 55 que tem início à Rua Afonso de Taunay e término à Rua Padre Aranha.

XXIX — RUA MARTINS TORRES — (1865 — 1917) — Sociólogo e Político — a Rua 56 que tem início à Rua 55 e término à Rua Nicolau Cerone.

XXX — RUA JOSÉ JOAQUIM DE FRANÇA JÚNIOR (1833 — 1960) — Jornalista e Escritor — a Rua 58 que tem início à Rua Pedro Vieira da Silva e término à Rua Nicolau Cerone.

XXXI — RUA RAUL POMPEIA — (1863 — 1895) — Jornalista e Romancista — a Rua 61 que tem início à Rua Padre Aranha e término à Rua 67 do Jardim Santa Genebra 1.a Parte, e Rua 28 da Vila Miguel Vicente Cury.

XXXII — RUA OSÓRIO FILHO — Historiador e Sociólogo — a Rua 64 que tem início à Rua 66 do mesmo loteamento e término à Rua Padre Vieira da Silva.

XXXIII — AVENIDA SANTA GENEBRA a Av. 1 que tem início à Rua 1 da Vila Costa e Silva e término à Rua 29 do mesmo loteamento.

XXXIV — AVENIDA PAMPLONA a Avenida 2 que tem início à Rua Domingos Cazotti e término à Avenida 1 do mesmo loteamento.



Amadeu Amaral

Amadeu Amaral Ataliba Arruda Leite Penteado nasceu em Capivari, neste Estado, a 6 de novembro de 1875. Estudou na sua terra natal e em São Paulo, ingressando no jornalismo. Foi diretor do "Comércio de São Paulo" e desenvolveu atividades na redação de "O Estado de São Paulo", onde colaborou durante vinte anos. Trabalhou como professor particular e foi funcionário público. Presidiu a Academia Paulista de Letras e foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, na vaga deixada por Olavo Bilac.

O seu volume de versos denominado "Urzes" foi a sua estréia e depois vieram outros, não só de poesia, como também em prosa, límpida e pura, pois era notável conhecedor da língua. Publicou, ainda: "Névoa", "Espumas", "Lâmpada Antiga", "Letras Floridas", "Um Soneto de Bilac", "A Pulseira Partida", "O Elogio da Mediocridade" e "Memórias de um passageiro de bonde".

Amadeu Amaral, além da privilegiada cultura e invulgar inteligência, possuía outro traço dominante na sua personalidade: a bondade. Homem de grande coração, soube, sempre, perdoar os adversários.

Antonio Figueiredo, no volume "Memórias de um jornalista", faz esta afirmação sobre a carreira de Amadeu Amaral: "Subiu, foi a secretário de jornal, foi a Academia Brasileira de Letras. E depois estacionou. Notaram a sua grande superioridade e temeram-no. E começou o seu calvário..."

E mais adiante: "Pois bem, Amadeu Amaral suportou tudo com magnífica resignação. Não com essa resignação dos santos, abatida e amachucada, mas com aquela resignação maior, que se assina pela tranquilidade e pela elegância de atitudes. "Qual! — pequenas misérias dos homens". Assim justificava o proceder dos ingratos e dos "impávidos marotos". E foi caminhando para a cová, com aquele olhar de placidez fatalista, — sem queixumes, sem recriminações".

Amadeu Amaral faleceu, em São Paulo, a 24 de outubro de 1929 e o Governo do Estado deu a um estabelecimento de ensino, situado em Belém, na Capital paulista, o nome de Grupo Escolar "Amadeu Amaral", nome que honra aquele educandário oficial.

Guilherme de Almeida, sucessor de Amadeu Amaral na Academia Brasileira de Letras, pronunciou, por ocasião da posse, notável discurso sobre a figura sempre lembrada do poeta de Capivari.

Como amostra do estro de Amadeu Amaral, publicamos, aqui, este soneto recolhido do "Lâmpada Antiga":

"A terra é dura: o sol é bravo; a geada,
destruidora; aves más e más formigas
assolam tudo, e a planta acarinhada
mal resiste a essas forças inimigas.

Que importa! Lavra sempre. Não maldigas
à terra ingrata. Não maldigas nada.
Talvez um dia o preço das fadigas
brote do sulco da robusta enxada

Mas, quanto mais a terra é ingrata, e bravo
o sol, e as aves são cruéis e o resto,
mais valor mostrarás em continuar.

Que é gentileza não viver escravo
de ganância, e plantar só pelo gesto
religioso e sereno de plantar".

HORTA LISBOA



AMADEU AMARAL



Amadeu Amaral Ataliba Arruda Leite Penteado nasceu em Montemor, neste Estado, quando esse município pertencia a Capivari, a 6 de novembro de 1875. Estudou em sua terra natal e em São Paulo, ingressando no jornalismo. Foi diretor do "Comércio de São Paulo" e desenvolveu atividades na redação de "O Estado de São Paulo", onde colaborou durante vinte anos. Trabalhou como professor particular e foi funcionário público. Presidiu a Academia Paulista de Letras e foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, na vaga de Olavo Bilac.

O volume de versos denominados "Urzes" foi a sua estréia e depois vieram outros, não só de poetas como também de prosa límpida e pura, pois era notável conhecedor da língua vernácula. Dedicou-se aos estudos folclóricos. Depois de "Urzes", publicou "Névoa", "Eupumas", "A Pulseira de Ferro", "Letras Floridas", "O Dialeto Caipira", "A Poesia da Vida", "Lâmpada Antiga", "Luis de Camões", "O Elogio da Mediocridade", "Memorial de um Passageiro de Bonde", conferência; "Dante" e "As Promessas do Escotismo".

Amadeu Amaral, além da privilegiada cultura e invulgar inteligência, possuía outro traço predominante na sua personalidade: bondade. Homem de grande coração, soube sempre, perdoar aos adversários.

Antônio Figueiredo, no volume "Memórias de um Jornalista", fez esta afirmação sobre a carreira de Amadeu Amaral: "Subiu, foi a secretário de jornal, foi à Academia Brasileira de Letras. E depois estacionou. Notaram a sua grande superioridade e temeram-no. E começou o seu exílio..."

E mais adiante: "pois bem, Amadeu Amaral suportou tudo com magnífica resignação. Não com essa resignação dos santos, abatida e amachucada, mas com aquela resignação maior, que se assinala pela tranquilidade e pela elegância de atitudes. "Qual — pequenas misérias dos homens".

Assim justificava o proceder dos ingratos e dos "impávidos marotos." E foi caminhando para a cova, com aquêle ar de placidez fatalista, — sem queixumes, sem recriminações".

Amadeu Amaral faleceu, em São Paulo, a 24 de outubro de 1929.

Guilherme de Almeida, o seu sucessor na Academia Brasileira de Letras, pronunciou, por ocasião da posse, notável discurso sobre a figura sempre lembrada do poeta de Capivari.

Como mostra do estro de Amadeu Amaral, publicamos, aqui, este soneto recolhido do "Lâmpada Antiga":

A terra é dura; o sol é bravo; a geada,
destruidora; aves más e más formigas
assolam tudo, e a planta acarinhada
mal resiste a essas forças inimigas.

Que importa! Lavra sempre. Não maldigas
à terra ingrata. Não maldigas nada.
Talvez um dia o preço das fadigas
brote do sulco da robusta enxada.

Mas, quanto mais a terra é ingrata, e bravo
o sol, e as aves são cruéis e o resto,
mais valor mostrarás em continuar.

Que é gentileza não viver escravo
da ganância, e plantar só pelo gesto
religioso e sereno de plantar.